

Apresentação

Cauby Dantas

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

DANTAS,C. Apresentação. In: *Gilberto Freyre e José Lins do Rego: diálogos do senhor da casa-grande com o menino de engenho* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2015. Substractum collection, pp. 9-12. ISBN 978-85-7879-329-6. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

APRESENTAÇÃO

Diálogos do Senhor da Casa-Grande com O Menino de Engenho

Por Elizabeth Christina de Andrade Lima

A escrita de um texto, seja com que pretensões forem, é sempre não só um grande desafio, mas uma janela que se abre para descobertas. O texto escrito por Cauby Dantas, que passo a partir de agora a ter o prazer de apresentar é, para mim, e espero que o seja igualmente para o leitor, uma grande descoberta, cercada de inusitados pontilhados que costumam um rendilhado, que até certo ponto poderia, num primeiro momento, parecer confuso ou mesmo desconectado.

O presente livro é resultado de sua dissertação de mestrado, embora não seja uma reprodução da mesma, defendida no ano de 2005, junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Campina Grande, atual Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, intitulada “Diálogos do Senhor da Casa Grande com o Menino de Engenho: Interseção Sociologia-Literatura em Gilberto Freyre e José Lins do Rego”, que tive o prazer de orientar.

Como imaginar alguém ter a ideia em pensar a Sociologia de Gilberto Freyre e a Literatura regionalista de José Lins do Rego, principalmente através do diálogo entre ambos? E já vale a ressalva, por meio de um diálogo que não se faz no contato face a face, mas por meio de missivas e de obras dos dois autores?

Para um leitor desavisado no mínimo talvez indagasse: esse autor é louco! Como construir um pensamento e raciocínio sociológico através de trocas de cartas, talvez isso se adequasse bem aos enamorados

e ao estudo sobre, quem sabe, a relação entre o amor e ódio; e entre obras com pretensões e/ou construções tão diversas, a Sociologia e a Literatura? Mas pasmem! Ele o faz e o faz com tal visão e amplitude da importância conteúdística de tais missivas e obras, que consegue sim, produzir um sério e competente texto sócio-literário.

A grande questão proposta pelo autor é analisar até que ponto Gilberto Freyre influenciou e contribuiu com a obra de José Lins do Rego e até que ponto José Lins influenciou e contribuiu com a obra de Gilberto Freyre. Daí a sua proposta de promover uma interseção entre Sociologia e Literatura e entre o pensamento dos dois.

Até onde começa o Gilberto Freyre, ensaísta, sociólogo e termina o José Lins, escritor regionalista, e vice-versa. O que há do pensamento regionalista de José Lins em Gilberto Freyre e o que há do pensamento sociológico de Gilberto Freyre em José Lins? Essa é a sua questão.

Para responder a enunciada questão, o autor leu e analisou os seguintes romances de José Lins do Rego: *Menino de Engenho* e *Banguê*. De Gilberto Freyre selecionou as seguintes obras que apresentam os temas centrais do seu regionalismo: *Vida social do Brasil nos meados do século XIX*, o *Manifesto Regionalista, Nordeste* e o ensaio *Aspectos de um século de transição do Nordeste do Brasil*. Além da consulta, incidental, à sua trilogia *Casa-Grande & senzala, Sobrados e mucambos* e *Ordem e progresso*.

A outra fonte de pesquisa, as cartas, trocadas entre os dois autores, no total de 238, se revela para o autor como excelente ambiente não só de reflexão mas de sensibilidade. As cartas, ao contrário das obras escritas por ambos, são profundamente intimistas, que “desnudam o ser” sem qualquer vergonha ou tentativa de construções e uso de “máscaras sociais”. As cartas entre amigos, não permitem, tão claramente, o jogo de aparências e as pessoas se revelam como elas são, com suas fragilidades e fortalezas, necessidades e autonomias etc. No total, foram lidas e analisadas 116 cartas escritas por Gilberto e 122 por José Lins.

Boa parte das cartas trocadas entre os amigos trataram de diversos assuntos, merecem destaque comentários sobre conceitos, categorias regionais e linhas de interpretação usadas, por um e outro, em forma de conselhos, sugestões, revisões. Outro tema, em menor quantidade, foram as de caráter mais intimista e privado. Chegou-se a tratar de

temas tais como: dívidas contraídas, dificuldades financeiras, sofridas principalmente por Gilberto Freyre, doenças na família, entre outros assuntos.

O presente texto tem cheiro de mato, de canavial, de cozinha e de mesa farta; tem gosto de amizade e devaneios com sinhás-moças e mucamas, tem também e igualmente, a presença contundente do *pater familias* e do olhar senhorial, imposto arrogante e prepotentemente pelo senhor de engenho, tão bem descrito na obra de José Lins do Rego. Já se disse, e o autor desta obra corrobora com isso, que o olhar de Gilberto Freyre sobre o Brasil Colonial é nutrido por um olhar senhorial; parece ser do alpendre da Casa Grande e da pompa econômica, política e autossuficiência do senhor de engenho que Gilberto Freyre interpreta o Brasil. A obra de José Lins talvez seja um pouco mais dura, até mesmo mais realista, portanto menos romântica que a de seu amigo, por denunciar a loucura, arrogância e violência do senhor de engenho.

Já encontramos aqui uma relação de proximidade no que diz respeito à produção sócio-literária dos dois amigos: ambos possuem uma ascendência senhorial, seus avós foram senhores de engenho. Descrever as experiências, bem como as vivências suas e de seus familiares parece ser o objetivo fulcral de tão intensas e vivas obras. Recuperar esses cheiros, a vida íntima das cozinhas, quartos e salas de estar, marcadas por relações primárias, é o principal intento.

A essa recuperação de um Brasil colonial, misturado com o melão da cana, da ordem servil e intimidade da família brasileira, presente na obra tanto de José Lins quanto de Gilberto Freyre o autor denominará de “afinidades eletivas”.

Uma outra afinidade é a encontrada na semelhança da temporalidade na qual ambos iniciam suas atividades de escritores, José Lins em 1932 e Gilberto Freyre em 1933. Nas cartas lidas e analisadas pelo autor, bem como na leitura e discussão das obras analisadas do literato e do sociólogo, se configura muito claramente que tal temporalidade não é mera coincidência ou obra do acaso; ao contrário, tais temas, são em grande medida, resultado do burburinho e efervescência de temas discutidos e trocados entre ambos, através das cartas e das conversas em encontros pessoais.

Uma última afinidade destacada pelo autor da presente obra, é quanto a uma certa semelhança do universo temático. A produção de ambos é caracterizada como regionalista, preocupada em destacar aspectos da natureza – dos bichos, plantas e climas –, do cotidiano da família patriarcal brasileira e das relações marcadamente dualistas entre: senhor e escravo, senhor e agregado, marido e esposa, mucama e sinhá moça, dentre outras relações.

Com base no exposto, defenderá o autor, até a última página de seu belo trabalho, que são tais afinidades a principal responsável pelo diálogo entre ambos, bem como pela consequente interseção entre a Sociologia e a Literatura.

O texto, portanto, que apresento, merece ser lido, sem preconceitos ou má-vontade, pois como Gilberto Freyre foi e, em certo sentido, continua a ser lido “atravessado” por uma visão pós-estruturalista ou marxista, pode ser que esta obra incorra no mesmo risco. Pois afinal, alguém poderá afirmar: o que aprender com tal obra que trata muito mais de “enaltecer” uma amizade que produz, a partir de afinidades eletivas, uma série de interpretações culturalistas sobre o Brasil colônia e do início do século XX?

Digo então, como últimas palavras, que é possível se aprender muito. A obra é rica em delicadeza, sensibilidade nutrida por um profundo respeito e até mesmo paixão do autor por esses dois escritores geniais; é um rico exemplo de como é possível, produzir saber acadêmico sem perder a doçura e que igualmente é preciso coragem para assumir a subjetividade presente em todo o texto, a despeito de muitos pseudos cientistas que só sabem se amparar, se proteger no verniz altamente gelatinoso da objetividade.

Quem conhece bem o autor, o nosso querido Cauby Dantas, sabe que o que não lhe falta é ousadia. Ele nunca esteve preocupado com rótulos e sempre assumiu seu ponto de vista, seus amores na música, na literatura, na arte e na sociologia sem preocupar-se como seria avaliado. Essa sua integridade e descompromisso com o julgamento alheio é também um distintivo de sua obra. O seu compromisso é com ele e o seu pensamento; é com ele e com o leitor; é com ele e sua tentativa incansável de dizer em palavras rebuscadas e inteligentes, o que vai em seu coração e em sua mente, profundamente curiosa e criativa.

Boa leitura!